

BIOGRAFIA DE JOANA I DE CASTELA, COGNOMINADA A LOUCA.



A história não tem sido muito condescendente com Joana, a terceira filha de Isabel e Fernando, os Reis Católicos. Joana nasceu em Toledo em 6 de novembro de 1479. Sua grande semelhança com sua avó paterna, dona Joana Enriquez, motivou que, carinhosamente, Isabel chamasse sua filha "minha sogra". Sem ser uma grande beleza, era atraente por seus olhos verdes e rasgados, seu rosto fino e seu porte esguio.

Sua educação foi marcada pela severidade, tanto de sua mãe como de Beatriz Galindo (la latina), que havia sido mestra de sua mãe. A mestra lhe ensinou latim e francês, bem como o manejo de vários instrumentos musicais.

Logo se manifestou em Joana uma veia mística que ela pretendeu canalizar fazendo-se monja. Mas seus pais tinham outro objetivo para a atraente Joana e, quando completou 16 anos, foi combinado seu casamento com o arquiduque Felipe da Áustria, filho de Maximiliano I e de Maria de Borgonha, conhecido pelo apelido de O Belo. Desta forma, os reis católicos pretendiam aprofundar seus laços com a casa de Habsburgo, os imperadores do Sacro Império Germânico e duques de Borgonha. O enlace fazia parte da política exterior dos Reis Católicos, que tinha como finalidade cercar o inimigo reino da França. Para isso, também casaram seu herdeiro, o príncipe Juan, com a irmã de Felipe, Margarita da Áustria. O casamento de Joana e Felipe foi celebrado em Lille no dia 21 de agosto de 1496, prematuramente, já que ambos os cônjuges sentiram uma mútua atração, desejando consumir o matrimônio o quanto antes.

Mas, apesar de que desde o princípio existiu uma atração entre os cônjuges, Felipe não mudou sua atitude conquistadora, e seus devaneios com damas da corte eram por todos conhecidos, atitude que dona Joana não estava disposta a permitir. Por isso, logo apareceram os ciúmes e as brigas do casal. Enquanto Felipe nutria por sua esposa apenas uma atração carnal, ela ficou perdidamente apaixonada por ele. Apesar desta desagradável situação, Joana e Felipe tiveram seis filhos: Leonor, Carlos, Isabel, Fernando, Maria e Catalina.

O primeiro parto, de Leonor, teve lugar em 15 de novembro de 1498. Leonor se casará com o rei Manuel I de Portugal e, ficando viúva, contrairá núpcias com Francisco I da França.

Em 24 de fevereiro de 1500, nasce seu segundo filho, Carlos. Conta a tradição que o parto teve lugar em um pequeno banheiro do palácio de Gante, devido à facilidade de Joana para dar à luz e aos ciúmes, que aí a levaram para participar de uma festa com a finalidade de vigiar constantemente seu marido.

Após a morte de seus irmãos Juan (1497) e Isabel (1498), e de seu sobrinho, o infante Miguel de Portugal (1500), passou a ser herdeira de Castela e Aragão. Apesar de estar claro seus problemas de alienação mental e as tendências francesas de seu marido, sua mãe Isabel a nomeou herdeira em seu testamento, mas especificou que, em caso de sua ausência ou incapacidade, o reino seria administrado por seu esposo, Fernando o Católico, até a maioridade de seu neto Carlos.

O terceiro parto aconteceu em 1501, vindo ao mundo a menina de nome Isabel, que seria rainha da Dinamarca por seu casamento com Christian II.

Felipe, que já era duque de Borgonha, de Luxemburgo, de Brabante, de Gúeldres e Limburgo e conde de Tirol, Artois e Flandes, desejava ampliar o quanto antes seu poder. No início do ano 1502, Joana e Felipe chegaram a Fuenterrabía para serem declarados príncipes de Astúrias em Toledo e príncipes de Gerona em Aragão.

Em 10 de março de 1503 nascia, em Alcalá de Henares, o quarto filho: Fernando, futuro Imperador da Alemanha e rei da Hungria e Boêmia.

Felipe partiu para Flandes alegando certo desgoverno em seus estados e Joana fica em Castela. Logo decide encontrar seu esposo, apesar de seu estado pós-parto, pelo que foi detida por sua mãe. Desde este momento apareceu a enfermidade mental de Joana como um elemento a vigiar. Mas Joana ansiava tanto se reunir a seu marido que, desprezando os conselhos maternos, decidiu ir a Flandes.

Após o falecimento de Isabel em 26 de novembro de 1504, Joana foi declarada rainha proprietária de Castela e Leão, segundo o testamento da rainha católica. Don Fernando se encarregaria da regência e tinha esperança de conservar o governo em nome de sua filha.

Ao final do ano de 1505, Joana terá uma nova filha, Maria, que casará com o rei Luis da Hungria e Boêmia.

Na primavera de 1506 chegavam Joana e Felipe a La Coruña. Felipe se apressou a mostrá-la como louca aos nobres castelhanos para incapacitá-la. Forçou-a a recebê-los quase às escuras, com um capuz negro ocultando-lhe o rosto, mas ela teve um de seus lapsos de lucidez e os reconheceu a todos, falando muito sensatamente. Daí vem a lenda de que sua loucura era um ardil para afastá-la do trono.

A atitude por parte da nobreza castelhana, que se aproximou de Felipe, obrigou Fernando o Católico, que havia se casado em segundas núpcias com a francesa Germana de Foix (o que deixam enraivecidos os nobres de Castela), a abandonar Castela e retirar-se para Aragão, deixando o caminho livre para seu genro.

Durante algum tempo, Felipe *o Belo* governou em Castela. Entretanto, nos primeiros dias do mês de setembro de 1506, don Felipe jogava uma partida de bola com seus amigos mais chegados em Burgos. Depois de praticar esporte, bebeu água gelada e, no dia seguinte se sentiu com febre e tremores. Em alguns dias ele já quase não podia engolir ou falar, e suave muito. Joana, novamente grávida, permaneceu

constantemente a seu lado e cuidou dele. Após seis dias, em 25 de setembro de 1506, Felipe o Belo falecia, especulando-se se ele havia sido envenenado, o que não se pôde provar. Joana tinha 27 anos, cinco filhos e outro a caminho.

Joana não desejava o governo do reino e mandou chamar seu pai para que se encarregasse dos assuntos de Estado, como regente de Castela. Quando da morte de Fernando, em Madrigalejo, em 1516, seu neto Carlos se fez rei (Carlos I de Espanha e V de Alemanha). Joana nunca foi declarada incapaz pelas Cortes Castelhanas e seu título de rainha nunca lhe foi retirado. Enquanto viveu, seu nome deveria figurar, em primeiro lugar, em todos os documentos oficiais.

Era desejo de Felipe ser enterrado em Granada e a Rainha de Castela, por isso, iniciou uma peregrinação com o féretro, viajando sempre de noite, pois acreditava que 'uma mulher honesta deve fugir da luz do dia, quando perdeu seu marido que era o seu sol'. Não havia maneira de separá-la do morto. Joana acreditava que Felipe ressuscitaria e o colocou em dois caixões: um de chumbo dentro de outro de madeira. A peregrinação durou três anos, mas nunca chegaram a Granada, já que ela foi presa em Tordesilhas, por seu pai.

No caminho para Granada, Joana teve seu último parto, nascendo a menina chamada Catalina, no dia 14 de janeiro de 1507, em Torquemada. Joana recusa ajuda e tem sua filha, sozinha. O caixão foi colocado em uma igreja e Joana proibiu que mulheres chegassem perto dele. Catalina contrairia, anos depois, matrimônio com João III de Portugal.

Prosseguindo viagem, são surpreendidos por um temporal, mas Joana recusa-se se abrigar em um convento.

A partir daquele momento não queria mais trocar de roupa nem se lavar. Assim, seu pai decide encerrá-la em Tordesillas, no mês de janeiro de 1509, com o ataúde de Felipe à vista, em uma igreja próxima. Atuou como seu carcereiro Don Bernardo Sandoval y Rojas, marquês de Denia, até 1535, quando morreu, sendo sucedido por seu filho, Luis.

A figura de Joana passou a um primeiro plano no movimento das Comunidades, convertendo-se na abandonada dos 'comuneros'. A Junta das Comunidades, reunida em Ávila, apresentou o propósito de que a rainha presidiria o Conselho de Castela, e um grupo de representantes se dirigiu a Tordesilhas para que a rainha assinasse suas pretensões. O intento fracassou, pois, embora tenham sido recebidos pela rainha, ela se negou a assinar qualquer documento.

Em Tordesilhas Joana permaneceu pelo resto de seus dias, vestida sempre de negro e em reclusão, o que contribuiu para acentuar seu problema mental. Raras vezes a visitavam seus filhos e alternava períodos de lucidez sombria e de arrebatamento. Dormia vestida, com a chave do caixão pendurada no pescoço, para que ninguém a surpreendesse.

Os filhos mais velhos de Joana (Leonor, Carlos, Isabel e Maria) ficaram nos Países Baixos, e encontraram uma nova mãe na irmã de Felipe, Margaret da Áustria. Joana apegou-se desesperadamente à sua filha mais nova, como uma relíquia de seu adorado esposo. Ela imaginava que ele falava com ela através da tagarela menina e a guardava enciumadamente. Ela colocava Catalina para dormir em uma alcova que só podia ser alcançada passando por seu próprio quarto. A única diversão da criança era olhar pela janela, mas ninguém ousava tirar a princesinha de sua mãe histérica. Duas serviçais cuidavam delas. Questiona-se, já que a caçula foi deixada com Joana, se ela era realmente uma louca perigosa. Ela era, de fato, instável, melancólica, temperamental, irritável, arrogante, sensível e extremamente ciumenta, mas esses sintomas não são provas características de loucura.

Quando o avô morreu, Carlos veio à Espanha reclamar sua herança e levou consigo sua irmã Leonor. Em primeiro lugar, eles foram visitar sua mãe em Tordesilhas. Catalina estava com 10 anos. Carlos afligiu-se com a situação da irmãzinha, mas deixou-a, ainda assim, com a mãe. Carlos visitou sua mãe, novamente, em 1520. A alimentação de Joana consistia de pão e queijo, deixados do lado de fora do quarto, porque ela se recusava a comer se alguém estivesse lá para testemunhar.

Correram lendas de que a rainha louca abria o caixão toda noite e abraçava seu marido morto. Na verdade, o caixão foi aberto algumas vezes, para se comprovar que o corpo estava realmente lá. Da primeira vez, quando retiraram a mortalha, Joana começou a beijar-lhe os pés, e ela teve que ser retirada de perto do caixão à força.

Em 12 de abril de 1555, na Semana Santa, falece dona Joana, após 46 anos de reclusão, com o corpo coberto de chagas por negar-se a se limpar e trocar de roupa. Mas, como também fez sua avó antes de morrer, Joana recobrou a lucidez e ordenou que a enterrassem com Felipe e deixou este mundo reconciliada com tudo e com todos. Joana foi assistida, em sua morte, por Francisco de Borja que deu fé da lucidez em que morreu, em face à alienação que a acompanhou durante sua vida. Seu corpo foi sepultado junto ao de seu esposo, no Convento de Santa Clara de Tordesilhas, até que foi trasladado, em 1573, para a Capela Real de Granada.

Na memória popular ficou o nome de Joana a Louca e os românticos pintaram seu desvario junto ao caixão. Depois da Guerra Civil se resgatou, no cinema, sua Loucura de Amor, com um êxito enorme, mas quase ninguém se recordava que havia sido a primeira rainha da Espanha.